

# FORMAÇÃO DISCURSIVA: ELA AINDA MERECE QUE LUTEMOS POR ELA POR ELA?

Freda INDURSKY

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## Situando a reflexão

Esta noção, desde suas formulações iniciais, tem sido revisitada e questionada com frequência. E é sobre ela que vou me deter neste trabalho que surge na esteira do questionamento que tem sido feito em torno da noção Formação Discursiva. Para tanto, penso, de imediato, na problematização que Pêcheux lançou no esboço daquele que teria sido um de seus últimos textos, conhecido como “*A Análise de discurso: três épocas*”<sup>1</sup> .. Cito, a seguir, parte do questionamento por ele lá formulado: “*...a insistência da alteridade na identidade discursiva coloca em causa o fechamento desta identidade, e com ela, a própria noção de maquinaria discursiva estrutural...e talvez também a de formação discursiva*” (PÊCHEUX, 1983, p. 315).

Este questionamento servirá de fio condutor para as reflexões que vou desenvolver neste trabalho. Para tanto, vou tomar esta noção, tal como foi formulada por Foucault (1969), contrastá-la com as formulações de Pêcheux (1975a, 1975b, 1980) e de Courtine (1981) e, a seguir, apontar para alguns pontos que tenho abordado em meu próprio trabalho. (INDURSKY, 1997; 2000).

Há ainda um outro ponto a ser abordado à guisa de consideração inicial: não creio que seja possível pensar em FD de forma dissociada à noção de Forma-Sujeito e sua fragmentação em posições-sujeito, pois estas questões estão embricadas na evolução na noção de FD, bem como estão claramente pressupostas no questionamento de Pêcheux, formulado mais acima. De modo que, embora o foco deste trabalho seja Formação Discursiva, haverá momentos em que, para melhor analisa-la, ela virá entrelaçada por considerações que remetem à noção de sujeito, tal como formulada no interior deste aparato teórico. Mas comecemos pelo princípio.

## A noção de formação discursiva em Foucault

---

<sup>1</sup> Este texto está publicado, em português, no livro que leva como título *Por uma análise automática da análise do Discurso*, organizado por Gadet e Hak e publicado pela Ed. da UNICAMP.

Na *Arqueologia do Saber*<sup>2</sup>, Foucault (1971) afirma, no capítulo destinado às Formações Discursivas, que uma Formação Discursiva (daqui em diante FD) se estabelece a partir de determinadas regularidades do tipo ordem, correlação, funcionamento e transformação. As regras de formação determinam condições de existência, coexistência, modificações e desaparecimento de uma repartição discursiva dada. Em função destas características, Foucault propõe-se estudar suas formas de repartição e descrever seus sistemas de dispersão.<sup>3</sup> Ou seja: a repartição das FD e a dispersão de seus saberes podem ser examinadas a partir do “*nexo das regularidades que regem a sua dispersão*” (Foucault, 1971, p. 63).

E, mais adiante, já no capítulo que trata da Formação das Estratégias, o autor procura definir o que entende por Formação Discursiva. Para ele

“todo este jogo de relações constitui um princípio de determinação que admite ou exclui, no interior de um discurso dado, um certo número de enunciados [...]; uma formação discursiva não ocupa todo o volume possível que lhe abrem de direito os sistemas de formação de seus objetos, de suas enunciações, de seus conceitos; é essencialmente lacunar e isto pelo sistema de formação de suas escolhas estratégicas. Daí que, retomada, colocada e interpretada em uma nova constelação, uma formação discursiva dada pode fazer aparecer novas possibilidades” (FOUCAULT, 1971, p. 83).

Assim, a individuação das formações discursivas, em Foucault, é regida por regularidades. Este é seu *princípio organizador*.

No capítulo *Observações e conseqüências*, Foucault (1971, p.89) afirma que as

“escolhas estratégicas não surgem diretamente de *uma visão de mundo* ou de uma predominância de interesses; sua possibilidade é determinada por pontos de divergência no jogo dos conceitos...a partir da posição que ocupa o sujeito que fala. Desta maneira, existe um sistema vertical de dependências: todas as posições sujeito, todos os tipos de coexistência entre enunciados não são igualmente possíveis, mas somente as que são autorizadas pelos níveis anteriores” (FOUCAULT, 1971, p.90)

Como se vê, encontramos aí as marcas claras de que a formação discursiva, em Foucault, é regida por um conjunto de regularidades que determinam sua homogeneidade e seu fechamento. É claro que Foucault pensou na transformação, mas esta tem de estar submetida à regra principal, a da regularidade. Transformar, sim, mas sem esquecer que a regularidade é substantiva. É isto que permite a Foucault afirmar que uma

---

<sup>2</sup> Este livro, cujo título original é *L'archéologie du savoir*, teve sua primeira edição em Paris, em 1969.

<sup>3</sup> Estas considerações bastante concisas foram feitas a partir da seção *As regularidades discursivas*, p.43-94.

“formação discursiva não desempenha o papel de uma figura que para o tempo e o enregela por décadas ou séculos; ela determina uma regularidade própria a processos temporais; coloca princípios de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outra série de acontecimentos, de transformações, de mutações e de processos. Não há uma forma intemporal, mas um esquema de correspondência entre diversas séries temporais”(FOUCAULT, 1971, p.92).

Vejamos em que consiste a regularidade pleiteada pelo autor. Deixemos o próprio Foucault tomar a palavra. Segundo ele,

“no caso em que se pudesse descrever [...] semelhante sistema de dispersão, no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se poderia definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), dir-se-á, por convenção, que se trata de uma formação discursiva - *evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e conseqüências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão*, como “ciência”, ou “ideologia” ou “teoria”, ou “domínio de objetividade”. Chama-se-se-á *regras de formação* às condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição” (O destaque é meu) (FOUCAULT, 1971, p. 51).

Como se vê, Foucault afasta a ideologia como princípio organizador de uma repartição, por considerá-la inadequada para servir como princípio organizador de uma FD.

Neste ponto, deixo as reflexões de Foucault e passo às considerações de Pêcheux em torno da noção de FD<sup>4</sup>.

### **A noção de formação discursiva em Pêcheux**

As primeiras formulações pechêutianas sobre formação discursiva encontram-se no texto que Pêcheux escreveu em co-autoria com C. Fuchs.<sup>5</sup> Neste texto, os autores estabelecem uma relação entre discurso e ideologia. Se, por um lado, “*é impossível identificar ideologia e discurso*”, por outro lado, entendem que

“se deve conceber o discursivo como um dos aspectos materiais do que chamamos de *materialidade ideológica*. Dito de outro modo, a espécie discursiva pertence ao *gênero ideológico*, o que é o mesmo que dizer que as *formações ideológicas* comportam necessariamente, como um de seus componentes, *uma ou várias formações discursivas*”

---

<sup>4</sup> Não vou me alongar na discussão e nas acusações que tem sido feitas a Pêcheux, no sentido de que houve aí uma apropriação sem citação. Para esta discussão, remeto ao trabalho que apresentei anteriormente no SEAD I.

<sup>5</sup> Em 1975, Pêcheux publicou, em co-autoria com Catherine Fuchs, um texto – *A propósito da Análise Automática do Discurso* - no qual retomou e reformulou algumas questões presentes em seu primeiro livro (1969), mas também formulou questões novas sobre sua concepção de sujeito, de Formação Discursiva e Formação Ideológica.

*interligadas* que determinam *o que pode e deve ser dito*, a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa *relação de lugares* no interior de um *aparelho ideológico*” (Os destaques são meus) (PÊCHEUX & FUCHS, 1990, p.166-7).

Vê-se que a noção de formação discursiva, desde logo, faz parte das considerações teóricas de Pêcheux e, de imediato, percebe-se que esta é concebida de forma entrelaçada com a noção de ideologia.

Vamos reencontrar a noção de formação discursiva, em Pêcheux 1975<sup>6</sup> e, neste livro, percebe-se claramente que esta noção corresponde a um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente, regulando *o que pode e deve ser dito* (PÊCHEUX, 1988, p. 160).

Neste quadro teórico, a noção de sujeito é convocada para formular a noção de formação discursiva. Estas duas noções estão fortemente entrelaçadas nesta formulação teórica. Pode-se afirmar, juntamente com Pêcheux, que “*os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos de seu discurso, pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes*” (PÊCHEUX, 1988, p. 161). E Pêcheux é mais específico ainda ao afirmar que “*a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)*” (idibid, p.163). E, mais adiante, acrescenta que tal identificação ocorre pelo viés da forma-sujeito (idibid.,p.167).

Portanto, com base no que precede, é lícito afirmar que, no quadro teórico da Análise do Discurso, tal como formulado por Pêcheux, nos dois textos acima mencionados, ao contrário do que ocorre na Arqueologia de Foucault, não só é lícito falar em ideologia, como é ela, juntamente com o sujeito, que é tomada como princípio organizador da formação discursiva.

Vista deste modo, a *formação discursiva* pode ser entendida como *o que pode e deve ser dito* pelo sujeito, ou seja, ela tem seus saberes regulados pela *forma-sujeito* e apresenta-se dotada de bastante unicidade, sobretudo quando Pêcheux introduz o que chamou de “*tomada de posição*” (idibid, p.171), cujo funcionamento é explicado nos seguintes termos:

“a tomada de posição resulta de um retorno do ‘Sujeito’ no sujeito, de modo que a não-coincidência subjetiva que caracteriza a dualidade sujeito/objeto, pela qual o sujeito se separa daquilo de que ele ‘toma consciência’ e a propósito do que ele toma posição, é fundamentalmente homogênea à coincidência-reconhecimento pela qual o

---

<sup>6</sup> Em 1975, é publicado, na França, *Les Vérités de la Palice* que ganha tradução brasileira em 1988, levando como título *Semântica e Discurso*.

sujeito se identifica consigo mesmo, com seus ‘semelhantes’ e com o ‘Sujeito’. O ‘desdobramento’ do sujeito - como ‘tomada de consciência’ de seus ‘objetos’ - é uma *reduplicação da identificação...*” (idibid. p. 172). ( O destaque é meu).

Esta *reduplicação da identificação do sujeito* mostra que, neste momento, Pêcheux entende a Formação Discursiva como um domínio discursivo bastante fechado e homogêneo. Ou seja, o sujeito do discurso, ao tomar posição, identifica-se plenamente com seus semelhantes e com o Sujeito, reduplicando sua identificação com a forma-sujeito que organiza o que pode ou não ser dito no âmbito da Formação Discursiva. Em outras palavras, só há espaço para a reduplicação da identidade; por conseguinte, só há lugar para os mesmos sentidos. Dito diferentemente, ainda: neste momento, ainda não há espaço para alteridade e a diferença nem para a contradição. E a identificação do sujeito se dá diretamente com a Forma-Sujeito, responsável pela organização dos saberes que se inscrevem na Formação Discursiva.

Entretanto, em outro capítulo dessa mesma obra, Pêcheux introduz o que chamou de *modalidades* da tomada de posição, as quais relativizam essa “*reduplicação da identificação*”. Ou seja: na mesma obra em que a concepção de sujeito é constituída como unitária e a formação discursiva como bastante homogênea, estas duas concepções são relativizadas. Percebe-se que, por trás deste desejo, pois certamente a unicidade é da ordem do desejo e do imaginário do sujeito, o que se apresenta efetivamente é um sujeito dividido em relação a ele mesmo e esta divisão do sujeito se materializa nas *tomadas de posição* frente aos saberes que estão inscritos na formação discursiva em que se inscreve. Vejamos, pois, em que consistem as modalidades de tomada de posição, segundo Pêcheux.

A *primeira modalidade* remete ao que Pêcheux designou de *superposição* entre o sujeito do discurso e a forma-sujeito. Tal superposição revela uma identificação plena do sujeito do discurso com a forma-sujeito da FD que afeta o sujeito, caracterizando o “*discurso do ‘bom sujeito’ que reflete espontaneamente o Sujeito*”. (idibid. p. 215). E que, nada mais é do que foi descrito por ele como a *reduplicação da identificação*, tal como vimos nos parágrafos precedentes e que representam a primeira formulação destas noções, no âmbito do quadro teórico da AD.

A *segunda modalidade*, ao contrário, caracteriza o discurso do “*mau sujeito*”, discurso em que o sujeito do discurso, através de uma “*tomada de posição*”, se contrapõe à forma-sujeito. Essa segunda modalidade consiste em “*uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...)*” (idibid., p.215) em relação ao que diz a forma-sujeito, conduzindo o sujeito do discurso a contra-identificar-se com alguns saberes da formação discursiva que o

afeta. Entretanto, cabe frisar, de imediato, que esta tensão entre a plena identificação com os saberes da FD e a contra-identificação com os mesmos saberes ocorre no interior da FD, ou seja, o sujeito do discurso questiona saberes pertencentes à formação Discursiva em que ele se inscreve e o faz a partir do interior desta mesma formação discursiva. Isto é: *a contra-identificação* é um trabalho do sujeito do discurso sobre os dizeres e os sentidos que são próprios à FD que o afeta e, por conseguinte, se institui como forma de resistência à forma-sujeito e ao domínio de saberes que ela organiza. O resultado desta contra-identificação faz com que o sujeito do discurso, não mais se identificando plenamente aos saberes que Forma-Sujeito representa, se relacione de forma tensa com a forma-sujeito. Dito diferentemente, a superposição perfeita que ocorre na primeira modalidade de tomada de posição, responsável pelo efeito de reduplicação da identificação, dá lugar a uma superposição que não é completa. Desta superposição incompleta e, por conseguinte, imperfeita resulta um certo recuo que permite a instauração da diferença e da dúvida que são responsáveis pela constituição da contradição no âmbito dos saberes da Formação Discursiva. Ou seja: esta segunda modalidade traz para o interior da FD o discurso-outro, a alteridade, e isto resulta em uma FD heterogênea.

Estas duas modalidades de tomada de posição representam o que Pêcheux chamou de *bom sujeito* e de *mau sujeito*. Pêcheux apontou estas duas modalidades, mas, se formos fazer análises, veremos que, no interior de uma Formação Discursiva, se ela for entendida como um domínio de saber heterogêneo em relação a ela mesma, podemos identificar não apenas duas, mas várias posições-sujeito.

A formulação das modalidades de tomada de posição é contemporânea da introdução da noção de *interdiscurso*, a qual, por sua vez, está relacionada ao que estamos discutindo aqui, pois é o interdiscurso que determina uma FD, ou seja, o interdiscurso contém os dizeres que não podem ser ditos no âmbito de uma dada FD. Nas palavras de Pêcheux, o “*interdiscurso é o exterior específico de uma FD*”. Ainda citando Pêcheux, o interdiscurso se constitui de um complexo de FDs, ligadas entre si. E, diz Courtine (1981), a reconfiguração de uma FD se dá a partir do interdiscurso. Ou seja: saberes que não fazem parte de um determinada FD, em um determinado momento e em uma dada conjuntura, passam a integrá-lo, aí introduzindo a diferença e a divergência, o que está na origem da constituição heterogênea de qualquer FD. É aí que as diferentes modalidades de tomada de posição assumem seu papel, produzindo o

entrelaçamento entre o mesmo e o diferente, vindo de outro lugar, de outro discurso, de outra FD.

A estas duas modalidades, Pêcheux acrescenta uma *terceira* que funciona sob o modo da “*desidentificação, isto é, de uma tomada de posição não-subjetiva, que conduz ao trabalho de transformação-deslocamento da forma-sujeito*” (idibid., p. 217), ou seja, o sujeito do discurso desidentifica-se de uma formação discursiva e sua forma-sujeito para deslocar sua identificação para outra formação discursiva e sua respectiva forma-sujeito.

No presente trabalho, entretanto, interessa-me sobretudo a segunda modalidade de tomada de posição, a *contra-identificação*, pois é através dela que são introduzidas as diferenças e as divergências no âmbito de uma Formação Discursiva e, conseqüentemente, a unicidade e homogeneidade da forma-sujeito ficam fortemente relativizadas e, juntamente com ela, a homogeneidade da FD. É, pois, sobre a contra-identificação que vou centrar minha reflexão.

Para examinar melhor essa questão, tomo outro trabalho de Pêcheux, de 1980, intitulado “*Remontémons de Foucault à Spinoza*”. Nele, Pêcheux rediscute a noção de ideologia e, a partir dela, a noção de formação discursiva. Diz ele que “*uma ideologia é não idêntica a si mesma, só existe sob a modalidade da divisão, e não se realiza a não ser na contradição que com ela organiza a unidade e a luta dos contrários*” (PÊCHEUX, 1980, p.192). E, mais adiante, acrescenta que “*a propósito da ideologia, trata-se de pensar a contradição de dois mundos em um só*” (idibid. p. 195). Como se vê, Pêcheux introduz a diferença e a divisão como características da ideologia, ou seja, ela é heterogênea e vive sob o signo da contradição.

Ora, se a ideologia não é idêntica a si mesma, o que dizer da formação discursiva que representa no discursivo suas estreitas relações com o ideológico? Cabe ao próprio Pêcheux responder a esta questão. Segundo o autor,

*“parece que é na modalidade pela qual se designam (em palavras e em escritos) estas ‘coisas’, ao mesmo tempo idênticas e divididas, que se especifica o que se pode, sem inconveniente, continuar chamando ‘formação discursiva’”* (idibid.p.196).

Vale dizer, pois, que, se a ideologia não é idêntica a si mesma, a formação discursiva, por idênticas razões, também é, a um só tempo, idêntica e dividida. Isto significa que seu domínio de saber comporta identificação, isto é, reduplicação da identificação, mas também diferença e divergência, ou seja, a contra-identificação sendo, pois, a contradição o que se instaura aí em lugar da igualdade e unicidade.

### **Formulações pessoais**

Se a formação discursiva apresenta-se assim constituída, então a forma-sujeito que a organiza também é heterogênea em relação a si mesma, o que significa afirmar que a forma-sujeito abriga a diferença e a ambigüidade em seu interior. Só assim é possível pensar em uma formação discursiva heterogênea que continua comportando um sujeito histórico para ordená-la. De tal modo que é possível pensar esse sujeito histórico como um sujeito dividido entre as diferentes posições de sujeito que sua interpelação ideológica lhe faculta, pois, como afirma Courtine

*“chamar-se-á domínio da forma-sujeito ... o conjunto das diferentes posições de sujeito em uma formação discursiva como modalidades particulares de identificação do sujeito da enunciação ao sujeito do saber ...”* (COURTINE, 1981, p. 51).

Claro está que não se trata mais de uma forma-sujeito dotada de unicidade, pois estamos diante de um conjunto de diferentes posições de sujeito e é esse elenco que vai dar conta da forma-sujeito. Por outro lado, uma forma-sujeito fragmentada abre espaço não só para o semelhante, mas também para o diferente, o divergente, o contraditório, daí decorrendo uma *formação discursiva heterogênea*, cujo traço marcante é a contradição, que lhe é constitutiva.

Como se vê, estamos longe de obter unanimidade no interior da Formação Discursiva. E, sobre esta questão, desejo igualmente visitar um outro texto de Pêcheux. Refiro-me ao texto *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação*<sup>7</sup>. Deste texto, interessa-me retomar a reflexão que Pêcheux faz a propósito da Forma-Sujeito e da interpelação do sujeito do discurso.

Pêcheux (1988, p. 300-3010) vai salientar, inicialmente, algo que já havia formulado anteriormente, em *Semântica e Discurso*: que a interpelação do sujeito está intimamente ligada à constituição do sentido. A esta primeira questão, Pêcheux vincula uma segunda observação, igualmente já formulada em *Semântica e Discurso*: o sentido se produz no “non-sens”, sob o primado da metáfora. E esta segunda constatação conduz Pêcheux a afirmar o primado da metáfora sobre o sentido. Isto equivale a dizer que certos sentidos que são constituídos a partir de uma determinada interpelação/identificação, a partir de um certo momento, podem ser questionados e um sentido pode tornar-se um outro e isto mostra que, de fato, *“não há ritual sem falhas, enfraquecimento e brechas”* (PÊCHEUX, 1988, p. 301) e ele acrescenta *“uma palavra pela*

---

<sup>7</sup> Este texto, de 1978, não fazia parte da edição francesa de *Lês Vérités de la Palice*. Permaneceu inédito em francês até 1990 e foi incorporado, como anexo, à edição inglesa de *Les Vérités de la Palice*, o mesmo sucedendo posteriormente por ocasião da tradução brasileira deste livro que leva como título *Semântica e Discurso*.



*outra é a definição da metáfora, mas é também o ponto em que o ritual se estilhaça no lapso*". (PÊCHEUX, 1988, p.301).

Bem, alguns não de estar questionando a relação disso com a Formação discursiva. E é neste ponto que, de fato, iniciam minhas considerações finais. Em minha perspectiva, a falha no ritual se dá no momento em que ocorre o encontro do sujeito do discurso com a linguagem e a história. De fato, é resultante deste encontro que podem ocorrer alguns tipos de falha no ritual: o primeiro dá origem à entrada de novos saberes, anteriormente alheios a um determinado domínio de saber, produzindo a transformação/reconfiguração de uma FD. E isto ocorre porque a FD é dotada de fronteiras bastante porosas que permitem a entrada de saberes que lhe eram alheios em um determinado momento. Nas palavras de Courtine (1981), trata-se da reconfiguração constante das fronteiras instáveis de uma FD. A outra falha no ritual pode significar não apenas a transformação/reconfiguração, mas a fragmentação da própria forma-sujeito (INDURSKY, 2000), como vimos anteriormente. Uma outra falha no ritual pode levar-nos a presenciar, não apenas a fragmentação da forma-sujeito, mas a instauração de uma nova posição-sujeito que traz para o interior da FD saberes que aí causam alvoroço e estranhamento, ocorrendo o que Pêcheux descreveu como "a irrupção de um 'além' exterior e anterior" (1990, p.) na FD. Isto é o que tenho chamado de acontecimento enunciativo e que consiste em apontar para o momento em que se dá a instauração de uma nova posição-sujeito no interior de uma FD, posição essa que traz para o interior da identidade a alteridade e isto provoca divergência, tensão, estranhamento, agitação nas fileiras do sentidos, introduzindo no interior da FD "ambigüidade ideológica e efeitos de divisão" (1990, p.314). E isto vai introduzir tensão nas fronteiras internas da FD, vai situar saberes na tênue fronteira de uma FD, o que torna difícil determinar o seu exato pertencimento. Ou seja: trabalhar com uma FD dotada de tais características coloca o analista de discurso face à agitação e tensão dos sentidos de um domínio de saber e seu gesto de individualização de uma FD consiste já em um gesto de interpretação analítica. Este momento se constitui em um gesto metodológico.

É precisamente sobre isto que estou chamando, até o presente momento, de falhas no ritual que penso ser necessário fazer um esclarecimento: no meu entendimento, falha no ritual remete para uma falha na interpelação do sujeito, ou seja: é porque o ritual é sujeito a falhas que o sujeito pode se contra-identificar com os saberes de sua formação discursiva e passar a questioná-los. Da mesma forma, é porque o ritual está sujeito a falhas que o sujeito do

discurso pode desidentificar-se com a FD em que estava inscrito para identificar-se com outra FD.

Retomo, neste ponto, e à guisa de fechamento desta intervenção, o questionamento inicial de Pêcheux que serviu para abrir este trabalho. Pergunto então até que ponto “a insistência da alteridade na identidade discursiva coloca em causa o fechamento desta identidade .....e talvez também a de formação discursiva?” (PÊCHEUX, 1990, p.315)?

Através deste questionamento de Pêcheux, que transformei em interrogação, procuro trazer estas reflexões como parte do que estou pensando. Não creio que ainda seja possível, nos dias de hoje, trabalhar com uma FD fechada e homogênea. Não é desejável o fechamento de uma máquina discursiva, embora seja muito mais fácil trabalhar desta maneira. Entendo fechamento mais como um *efeito de fechamento*, e este efeito é necessário para que o analista possa fazer seu trabalho, mas este efeito pode se dar somente depois que tenha sido instituído o gesto analítico/interpretativo do analista. E o que produz este fechamento é o *princípio organizador* preconizado pela teoria, a *ideologia*, que não pode mais ser entendida como um discurso para cada um. É necessário levar em conta que é do encontro entre sujeito, história e linguagem que vai ser possível estabelecer as diferentes posições-sujeito e inscrevê-las no interior de uma ou mais FD. Ou seja: este é o gesto inaugural e metodológico que dá início a uma pesquisa que pretende mobilizar a noção de FD. Compete ao analista traçar os tênues contornos da FD com a qual o sujeito do discurso em análise se identifica para, somente então, e a partir daí, fazer suas análises.

Julgo, pois, que a FD merece que lutemos por ela. Mas, para tanto, é preciso que se entenda que, a um só tempo, ela está submetida ao princípio organizador que é a ideologia, e que esta é uma unidade dividida em relação a si própria; portanto, não é possível cristalizar a FD; desde que a FD não se converta em um colete rígido que impeça a fragmentação da forma-sujeito; desde que lembremos constantemente que não há ritual sem falhas e que esta falha permite que novos saberes podem inscrever-se, obedecendo ao princípio da transformação; desde que saibamos que esta falha no ritual conduz o sujeito do discurso a apropriar-se de saberes alheios e inseri-los no âmbito de uma FD. Penso que é difícil lidar com a diferença, mas é ela que mostra que a FD, e não apenas o discurso, é lugar de tensão e não apenas de segurança. Expulsar a diferença, a divergência, enfim a alteridade e a contradição que ela introduz, consiste em trabalhar com *universos logicamente estabilizados*

(PÊCHEUX, 1982, p.). Para continuar trabalhando com a noção de FD é preciso suportar e expor-se à diferença.

#### BIBLIOGRAFIA

COURTINE, Jean-Jacques. Analyse du discours politique. *Langages*, Paris, n.62, 127 p., juin, 1981.

FOUCAULT, Michel (1969). *A arqueologia do saber*. Petrópolis, Vozes, 1971.

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas, Ed. Da UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. A fragmentação do sujeito em análise do discurso. In: *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre, Sagra-Luzzatto, 2000. (Col. Ensaios, 15).

PÊCHEUX, Michel & FUCHS, Catherine (1975). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In : GADET, Françoise. & HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1990.

PÊCHEUX, Michel. A análise do discurso: três épocas ( 1983). In: GADET, Françoise. & HAK, Tony.(org.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1990  
\_\_\_\_\_. *Semântica e Discurso; uma crítica à afirmação do óbvio* (1975). Campinas, Ed. da UNICAMP, 1988.

\_\_\_\_\_. Remontémons de Foucault à Spinoza. In: TOLEDO, Mario Monteforte. *El discurso político*. México, Nueva Imagen, 1980.

\_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento* (1983). Campinas, Pontes, 1990.